

QUINTA FEIRA
Lisboa--6 de Setembro--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

120



sempre
five semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A repressão da mendicidade



— Já devia saber que não se pode pedir nas ruas.

— Já sei, meu senhor, já sei. Tem aqui a minha morada, para mandar-me a esmola lá a casa.



Os ditos da semana



Veraneando O papá *Diario de Lisboa*, publicou ha dias um interessantissimo artigo, que era uma especie de lista de moradas, dando conta das praias, termas e localidades onde se encontram, neste momento, pessoas que toda a gente conhece, incluindo mesmo aquelas, que nesta epoca não saíram de casa. Esqueceu-se, porém, de alguns nomes conhecidos e enganou-se quanto a outros que publica. Tanto quanto possível, vamos completar a lista.

O sr. dr. Brito Camacho está em Seco, o sr. dr. Costa Lobo está na Lua, o sr. Sinel de Cordes está em Brazas, o sr. José de Figueiredo e o sr. Freire de Andrade, na Espectativa, a sr.^a D. Corina Freire, em Voz e o sr. ministro das Finanças em Córtes, da freguezia de Economias de Baixo. Está nas Bocas do Mundo o poeta Antonio Boto, o sr. Quirino da Fonseca no Parque Eduardo VII, o sr. Julio Dantas no Seculo Dezasseis, e, para haver alguma coisa ás avessas, Lagos está no sr. Antonio Cabreira.

O sr. poeta Sevilha encontra-se no Cavalo e o seu cavalo em Sevilha, o sr. Manoel Ribeiro no Deserto, alguns estudantes estão ainda na Parede e o Pinheiro Maluco devia estar no Telhal.

No Paço e em S. Bento não está ninguém mas o sr. Paiva Couceiro continua na sua quinta da Esperança.

A maioria dos funcionarios publicos encontra-se a banhos na praia do Pinho e as meninas dos Telefones, umas, estão no Aparelho e outras, em Moita Carrasco.

O actor Carlos Leal está na Graça, o actor Carlos Santos na Berlinda, para fugir á poeira do palco, os Casimiros, fi-

lhos, estão nos cornos da Lua e S. Pedro foi agora para o Estoril.

Em Entre-a-Espada-e-a-Parede encontra-se o sr. Cunha Leal, em Sorte o sr. Alfredo da Silva, no Ceu, Deus Nosso Senhor e o sr. Fernando de Souza, no Inferno o sr. Magalhães Lima, no Purgatorio o sr. Filomeno da Camara e o Bom-Senso está no Outro Mundo.

Rei Presidente

O rei do assucar apresentou a sua candidatura á presidencia da Republica da Nicarágua. Deve ser uma eleição assegurada. Quando um candidato tem maneira de adoçar a boca dos seus eleitores pode contar-lhes com o voto.

Embora pareça paradoxal, vamos ter um rei na Presidencia de uma Republica, deante de uma enorme multidão que o aplaude toda lambusada de assucar, desde a raiz dos cabelos á ponta dos pés.

E assim vai um homem desconhecido nos meios politicos, que não deu nunca outras provas de administração, senão na gerencia das suas fabricas, ascender á suprema magistratura da nação, só por-

que soube captar os seus eleitores pelo mesmo processo que nós, que não somos reis de coisa nenhuma, calamos as creanças. Chefe de estado á custa duns tantos milhares de *chuchas*, até parece *chuchadeira*.

Fosse ele rei do Vinagre e teria a eleição perdida. Não é com vinagre que se apanha moscas.

Agua milagrosa

Apareceu mais uma agua milagrosa. Apareceu, em Cambres, uma agua que cura o cancro. Se ela é realmente milagrosa como se diz, bem dita seja ela, tanto mais que, desta vez, dispensou o ritual catolico e a gente pode curar-se mesmo sendo ateu, porque a agua faz bem só por si, desprezando a fé, — aquela fé que é sempre quem nos salva, no dizer das Escrituras.

Encontrou-se uma fonte que é uma fonte de saude e uma fonte de riqueza para quem a possui, mas perdeu-se um bom negocio. Aquela mesma agua, com uma aparição de Nossa Senhora, que passaria a chamar-se Nossa Senhora de Cambres, valia bem o dobro. Assim

ganham saude os doentes, mas não veem a ganhar nada os negociantes de velas de promessa, nem os fabricantes de medalhas. Lourdes e Fatima ficam a perder de vista.

Direitos As feministas pretendiam que, no pacto de Kelog, se introduzisse uma clausula concedendo ás mulheres direitos eguaes aos dos homens.

As feministas, pelo visto, não sabiam que o pacto era um pacto de paz perpetua. Tanto bastaria que as mulheres entrassem no pacto para que ele fosse um pacto de guerra. As mulheres transformariam o pacto de paz, num pacto de zas-traz-paz.

E, mesmo, o que as feministas pediam não era possível. Ter direitos como os dos homens?

Mas como?

Justiça femenina Ha dias publicava O *Seculo* o seguinte telegrama:

Justiça femenina...

GERONA, 31. — Na praia de Llanbranca, varias meninas, coadjuvadas por alguns rapazes, atiraram ao mar o escritor José Maria Sagarra, que as injuriara na sua novela «A mulher de Geronas». O escritor foi salvo por uns marinheiros.

Quando um precalço destes acontece a um homem que Sagarra o que não seria se ele fosse, simplesmente, como qualquer mortal José Francisco dos Anzoes.

Pelos modos, os marinheiros que o pescaram pertenciam aos fixes, do *Sempre Fixe* que adotaram o lema—salvemos os rapazes.

Actor Carlos Santos



—O livro «Poeira do Palco» não é um livro para deltar «poeira nos olhos» do publico. E' o autentico livro dum homem de teatro, com algumas verdades, nuas e cruas.



— Não sei o que serias tu agora, se não fôsse o meu dinheiro.
— E' facil de adivinhar, filhinha! Seria solteiro.



— Não gôsto do verde dessas ervas.
— Esteja descansado. Com mais uns retoques ficará ao gôsto de V. Ex.^a

NA CURIA

O Palace verdadeira mansão celestial..



A ilustre atriz Palmira Bastos rejuvenesceu pois encontrou no Palace o elixir da juventude.

Alexandre S'Almeida onça dos hoteleiros e o príncipe seu filho...

O diretor das águas com barriga d'agua - da Curia: Dr. Manuel Luiz

Eu já pareço o Chabi a culpa tem-na o Alde S'Almeida

Mademoiselle Almeida um premio de beleza e o 1º premio de dança na caia ci americana...



Alguns hóspedes do Palace.



O banqueiro Rocha Mello

O capitalista Jose d'Arayo Lima

O Almirante Nunes da Matta

Simões Coelho e Manuel Almeida capitalistas

O Dr. Miguel Horta e Costa está cada vez mais menino..

Dize-me o que lês, dir-te-hei quem és

(Por TOM)



AFONSO LOPES VIEIRA



SEMPRE FIXE



MANUEL RIBEIRO



D. ANA DE CASTRO OSORIO



O relógio do embaixador

Após um banquete oferecido ao corpo diplomático acreditado junto do governo soviético, no momento preciso em que a orquestra atacava um charleston, dando começo ao baile, o embaixador de Inglaterra, Lord August, falando com Lenine, queixou-se-lhe amargamente que acabava de sofrer um grande desgosto com a perda dum relógio antigo, valioso, não só por ser uma joia de alto valor, como por ser uma joia de família, o qual lhe tinha sido surripiado momentos antes por Petrovitch, comissário do povo para a Instrução.

Lenine, ao ouvir a queixa, cerrou a boca num gesto voluntarioso e disse convicto para Lord August:

— Daqui a um quarto de hora tem o seu relógio!...

— Mas veja V. Ex.^a o que vai fazer... Veja que pode fazer a rutura diplomática dos nossos países, pela inimizade creada contra mim por Petrovitch — dizia, aterrado, o ministro plenipotenciário da Gran-Bretanha.

Lenine apazigou-o com um gesto e, afastando-se, respondeu maquiavelicamente que todos os meios eram bons, desde que os fins também o fossem.

Um mau quarto de hora passou Lord August, fazendo mil conjecturas mais ou menos diabólicas acerca da maneira como Lenine rehavaria o seu querido relógio.

Pouco tempo depois, apareceu Lenine radiante, entregando o relógio a Lord August, que, tremulo, perguntou:

— Como conseguiu rehavê-lo? Petrovitch com certeza que ficou muito vexado?...

— Duma maneira muito simples, — retorquiu Lenine — ele não deu por isso...



Ela — Conhecerás o caminho para voltarmos?

Ele — Não te preocupes. Vou deixando sinais...



O artista — Eu nasci no mesmo dia em que morren Gounod.

O amigo — Bem dizem que uma desgraça nunca vem só...

Uma desgraça nunca vem só

Era eu ao tempo (já lá vai um bom par de anos), secretário do conhecido escritor, filósofo e orador Julio d'Antas.

Falava-se então muito das conferencias literarias, politicas e domesticas, no teatro de S. Luis e pensou o meu carissimo Julio em fazer tambem uma serie de conferencias ultramodernas, versando: «Paineleirismo — Nuno Gonçalves e Freire de Andrade».

A primeira ainda teve farta concurrencia, mercê dos inumeros convites distribuidos pelas notoriedades politicas e literarias da epoca; a receita foi grande, tendo havido, nessa noite, lauta ceia no Tavares, em companhia de duas loucas e louras filhas de Eva.

Na segunda, a assistencia rareou e a ceia resumiu-se a meia desfeita no João do Grão — sem filhas de Eva. — Na terceira, foi preciso pôr na plateia todo o pessoal do teatro, para que Julio não ficasse apenas falando para as cadeiras. Nessa noite não houve ceia.

Levamos dias pensando na forma de encher a casa, até que, certa tarde, appareceu-me o Julio no Café do Chiado com um anuario e um maço de cerca de duzentos e cinquenta envelopes, religiosamente fechados.

— Oh Nito!... Fazes favor, escreves aqui, nos envelopes, as moradas que te vou ditando!...

Abrindo o anuario, ao acaso, na letra P, começou:

— Abílio Pires... Rua da Fé, 38... Alberto Pires... Avenida da Republica, 46, 2... Antonio Pires... Rua de... etc.

Em poucos momentos, estavam duzentos e cinquenta convites, dirigidos para duzentos e cinquenta dos mais conhecidos Pires de Lisboa e arredores.

Velo o dia da conferencia. Casa á cunhal!... Não era uma sala de espe-

ctaculos: era um deposito de louça de Sacavem. Os Pires amontoavam-se.

Eu, á porta, metido numa casaca signé «Guarda-roupa Cruz», recebia os convidados, bailando-me nos labios a eterna frase:

— Sr. Pires, que honra em o vêr nesta casa!...

A frase fazia-os inchar, a ponto de quasi rebentarem os mais considerados Pires de Lisboa.

* * *

Começa a conferencia. No momento em que Julio d'Antas pronunciava o sacramental «Senhoras e Senhores», entra açodado um sujeito baixo, gordo, vermelhusco e fumegando por todos os poros, que me diz, ofegante:

— O sr. Pires?... Onde está?... Onde está o sr. Pires?...

Apontei-lhe, num gesto vago, a plateia, disse-lhe:

— Por aí!... O melhor é o senhor sentar-se até terminar a conferencia!...

— Oh!... Lá está, na segunda fila!...

Sentou-se, em pulgas, o nosso homem, conservando-se quieto por momentos, quando (oh! céus!) se levanta como impellido por uma poderosa mola e, fazendo das mãos porta-voz, berrou:

— Oh Pires!... Olha que tens fogo em casa!...

Como se tivessem visto coisa má, duzentos e cinquenta Pires levantaram-se de duzentas e cinquenta cadeiras, dirigindo-se para a porta, para darem duzentos e cinquenta corridas para as suas duzentas e cinquenta casas, á procura dum celebre fogo que tão rapidamente se multiplicara por duzentos e cinquenta.

E assim, mais uma vez, o meu amigo Julio fez uma conferencia para as cadeiras do teatro de S. Luis.

Extrahido das memorias de

K. H. Nito

Em Nova York



— Ainda falta muito?
— Não, filhinho, só faltam 32 andares!...

O imortal matematico

E' um facto que a sciencia matematica tem dado volta ao «miolo» a muito sabio.

Entre nós, vejamos o que succede ao celebre e popular matematico dr. K. Breira, conde de Lagariças, fundador da mui nobre Ordem do Rico Menino do Castelo, etc., etc.

Ora quando o ilustre sabio tornou publica a sua extraordinaria descoberta, que a imprensa mundial então registou: — «O triangulo Maçonico é um pentagno de nove lados», logo toda a gente observou que ali havia desarranjo na «bola»...

Agora, mais recentemente, s. ex.^a distribuiu, profusamente, pela imprensa, por ele modestamente redigida, a seguinte noticia:

«O notavel sabio e matematico dr. K. Breira, cavaleiro da Ordem do Rico Menino do Castelo, conde de Lagariças, socio correspondente, neste e no outro mundo, de varias Academias de Sciencias, comendador e cavaleiro da Ordem do Crocodilo Roxo, etc., etc., realiza, no proximo sabado, na sala nobre dos atos da Faculdade do T. Lhal, a ansiada prelecção sobre a sua mais recente descoberta: — «Achar o numero da sorte grande pela amputação dos numeros inteiros e colagem dos quebrados». A sessão começa uma hora antes de andar a roda, e o traje é de capa e espada para os cavaleiros e á moda do Minho para as senhoras.»

Efectivamente, á hora marcada, uma multidão de admiradores do popular matematico aguardava ansiosa a interessante conferencia. Qual não foi o espanto da assistencia, quando, em lugar da annunciada prelecção, o yiram subir ao estrado e cantarolar o tango da «Feia»:

Cabreira eu sou, vivo na serra,
Trago o meu corpo e rosto ao
Deus dará;
Por isso feio me chamam cá
na terra
Mas antes quero ser feio do que
ser mau!

Infelizmente, o dr. K. Breira endoidecera mais uma vez...

Pig-Meu



— Que está o seu marido a fazer?
— Que quere o senhor que lhe faça.
Exertou glandulas de macaco sem minha licença e agora é isto.

BOM HUMOR

Na estação:
 — Diabo! Porque trouxeste tua mãe? Não te telegrafel recomendando que não o fizesses?
 — E' exactamente por isso que ela quer falar contigo, papá!

Esta também é de estação:
 O convidado: — Você teve dificuldade em reconhecer-me? O seu patrão não lhe descreveu a minha pessoa?
 O criado: — Descreveu, sim, mas como saltaram muitos passageiros com cara de bêbedo, tive dificuldade em reconhecê-lo...

Numa loja de chapéus:
 A freguesa: — Sempre é verdade que recebeu de Paris quatrocentos chapéus modelos?
 A caixeira: — Sim, minha senhora!
 A freguesa: — Que sorte! Vou já experimentá-los todos!

O menino, que está de castigo a um canto do salão: — Mamásinha, eu não podia passar para outro canto? Como já conheço este de cór e salteado...

Na rua:
 Ela: — Já sei que o senhor tem uma vitrola?
 Ele: — Quem lh'o disse?
 Ela: — Ninguém; vi que se mudaram todos os seus vizinhos...

No restaurant:
 O freguês: — Não gosto das salchichas cá de casa.
 O criado: — Porquê?
 O freguês: — Porque teem um extremo muito perto do outro...

Na aula de historia:
 O professor: — Quem foi o pai de Carlos III?
 O aluno: — Carlos II.
 O professor: — E de Carlos II?
 O aluno: — Carlos I.
 O professor: — E de Carlos I?
 O aluno: — Carlos Zero...

Amigos recentes:
 — Estou certo que você julga que eu sou um imbecil?
 — Não seja exigente. A perfeição não existe!

— Como passas?
 — Muito mal! Falha-me muito a memória.
 — Não ha de ser nada. A proposito: podes emprestar-me cem mil réis?

Ela: — Antes de nos casarmos, chamavas-me «minha rainha».
 Ele: — Mas como a nossa casa é uma republica, quem manda agora sou eu...

— Esta mancha que tenho aqui no casaco não parece de tinta?
 — De tinta ou de tinto?



— Sua sogra necessita de mudar de ares.
 — Já mudou. Em quinze dias já mudou três vezes de quarto.

A TOQUE DE CAIXA...

Numa noite de prevenção, em que Sua Magestade o Boato reinava em Lisboa, tinham sido tomadas medidas rigorosas em todos os quartéis, para prevenir qualquer hipótese de alteração da ordem publica.

A' porta dum estabelecimento militar que tem por lema a ordem e a disciplina — como o pavilhão brasileiro a ordem e o progresso — perfilava-se uma sentinela irmã do heroico soldadito que á porta do Castelo de S. Jorge morreu ingenuamente no seu posto e cujo sacrificio não foi sufficientemente cantado pelos rouxinóis da imprensa.

A noite era de espectralidade e de silencio. Súbito, cortaram a sombra em varias direcções grandes feixes luminosos que eram projectados sobre o Tejo por um reduto do Campo Entrincheirado. Um deles illuminou a nossa sentinela no seu posto. Sentiu-se immediatamente o ruido característico duma arma que se carrega. O cabo da guarda, alarmado, aproximou-se:

— O que ha?
 E a sentinela, de arma apontada para o fóco luminoso, respondeu:
 — E' que acenderam um vidro de aumentar em cima de mim.
 E o cabo, filosoficamente:
 — Ora... ora... Isso é um oculo de vêr ao longe.

Um official lembrou-se de levar o im-

pedido a S. Carlos, onde actuava, como agora se diz, uma companhia de opera italiana. A' saída, perguntou-lhe:

— Então, gostaste?
 E o serrano comentou:
 — Gostei, sim, meu major. P'ra paizanos, não cantam mal.

A' hora do rancho. No silencio mandibular da caserna, ouve-se subitamente este grito alarmante:

— A's armas!
 A guarda fórma e o veterano que tinha gritado ás armas é interpelado:
 — O que se passa?
 E o outro, olhando com tristeza o fundo da latosa:
 — Julguei que era um feijão, mas pode recolher a guarda, porque afinal era só uma pele!

Num regimento de Lisboa. Em dia de festa. Ha visitas de outros regimentos. Um official aproxima-se do comandante e pede licença para lhe apresentar o alferes Vilela, de infantaria 2.

O comandante observa:
 — Parece-me que já vi a sua cara noutro corpo.
 O alferes Vilela:
 — Ah! bem sei... Devia ter sido em caçadores 5.
 Tableau.

O coração da sereia...



— Que massada! Lá se salvaram os aviadores Narsell e Cramer! Qualquer dia o fundo do mar torna-se inabitavel.

Elevador da Gloria

Já não se pode ser fantasma nesta terra! Antigamente, lobis-homem, aventesma, alma do outro mundo que apparecesse era tratado com o maior respeito. Ninguém se atrevia a comprometer o seu incognito, nem a toher-lhe os passos na solidão da noite. O fantasma gosava de todas as regalias inerentes á profissão. Não deixava dormir as meninas e mandava para o outro mundo muita velhota avarenta que, por mau costume e arrelia dos netos, persistia na existência, com alguns contos de réis ao canto da arca.

Hoje está tudo mudado. Já um fantasma não pode tomar o fresco, nas praias do Estoril, como qua'quer mortal, sem ser perseguido como cão danado. São pedras, tiros, ciladas, holofotes, etc., etc. Não de concortar que isto não é razoavel. Se na terra o calor sobe aos 33°, o que fará no inferno, entre as caldeiras de Pero Botelho? E' duma pessoa ficar torradinha! O pobre fantasma só tem um caminho a seguir: abandonar a ignea mansão e vir passear para a terra, em trajos menores, suado, aflito, tranzido de medo.

Ha dias, no cemiterio dos Prazeres, appareceu um desses invisíveis brancos. Como não tinha mais que fazer, entreteve-se a apedrejar as mulheres dos quintais visinhos. O alarme foi grande. A policia, os bombeiros e os jornalistas acorreram em grande numero ao local. Assustaram o fantasma, obrigando-o a fugir.

Lastimamos o sucedido. Se o fantasma dos Prazeres era malcreado, violento, ha outros que passam pela terra com a serenidade das pombas mensageiras. Até ajudam e justificam muita façanha de amor. Conhecemos uma menina, filha duma proprietaria de hospedaria que, para encobrir um namoro, arranjou um fantasma caseiro. A mãe, que dormia no quarto ao lado, fechava todas as noites a porta que dava para o corredor. A filha, pelo contrario, abria... Calculam o resto. Felizmente que o fantasma, um simpatico calzeiro viajante, resolveu casar-se com a menina, abandonando o além, porque muito além já ela tinha ido.



— Como suportaríamos este calor, se não teus tíde a feliz ideia de trazer TODDY glacé!

Séries grandest
 só o PINA as vende
 75 — Rua de S. Paulo — 77

SEMPRE FIXE vende-se na Povoa de Varzim, na Livraria Academica Editora.

Meia dose de... graça

No correio:

— E' demais tanto calor, estou seco, já não tenho saliva para colar a estampilha.

— Porque não trouxeste a boa lingua da tua sogra? Nesta altura servia-te...

* * *

Num café:

— Trinta e quatro á sombra é demais, é para afligir. Este calor derrete-nos.

— Ora, não digas isso. Os moradores do Castelo é que apanharam um calor, e só com o 7 á sombra.

* * *

Na minha repartição (diálogo entre o contínuo e a dactillografa):

— Quem lhe morreu, D. Guida?

— Foi a minha avózinha.

— Imaginei que tivesse sido a tia que tem cá em Lisboa. Deve estar triste, D. Guida.

— Se lhe parece!

— Pois olhe, quando morreu a minha Zefa, só com o caixão gastei 200\$00 e também fiquei muito triste.

— Coitado, fez-lhe falta a sua mulher.

— Não, senhora. Fez-me falta o di-nheiro...

* * *

Entre amigos:

— Já sabes?

— O quê?

— O João desapareceu de casa. Julga-se que se suicidou.

— Por isso agora a mulher salta. Anda á procura dele...

* * *

Num baile:

Ela: — Sabes o que é o Charleston?

Ele: — Sei. E' uma dança onde se mete os pés pelas mãos.

* * *

Entre conjuges:

Tranquilisa-te, meu amor. Já não há mais revolução.

— Porquê?

— Foi preso no Barreiro o «Barulhão»...

* * *

No Café Italia:

— Tens muita habilidade para versos. Porque não fazes um livro?

— Não sou encadernador!

A. C. Lourenço.



Charleston!



— Com que então, Julião, você está bebendo o vinho branco? Não sabe que eu não gosto disso?

— Pois é por isso mesmo. Eu bem sei que a senhora prefere aguardente.

TAC-TAC-TAC

O meu tio Olindo

Antigamente, os notarios usavam longas e bem tratadas patilhas, sobrecasaca preta de linhas rectas e severas, laço já feito de pontas e laçadas rigorosamente iguais e um ar nobre de cofre forte dos segredos familiares.

O notario era um digno movel antigo que fazia parte integrante da decoração dos salões ricos no tempo da caleche e dos morgados. Era um administrador, um conselheiro e um amigo da família. E eu, sempre que em minha casa via o tio Olindo, tinha a impressão de que estava em frente dum estranho sacerdote.

Mas o meu tio não fôra sempre o mesmo severo e regular Olindo, que eu conhecia e cuja presença tanto respeito e segurança infundia no meu animo. Ele proprio, quando, já retirado á vida privada, passou o cartorio ao primo Neco, como m'o contou, sorridente, naquela tarde voluptuosa de Junho, em que o perfume cáldo das rosas incitava ás saudosas confidencias.

O caso foi assim, segundo ouvi.

Era, ao tempo da historia, Olindo esbelto e moço e apenas tão sómente praticante de tabeirão, em casa dum seu tio que, parece, tambem usava sulzass brancas e trajava de preto.

Havia em Lisboa uma celebre comica de singulares encantos, da qual, para que me não surja façanhudo descendente a pedir-me contas viciadas — o que repugna ao meu animo débil — colarei discretamente o nome autentico, chamando-lhe muito simplesmente Rosa Mate. A sua fama de artista era talvez igualada pela celebridade de seus costumes livres, podendo bem dizer-se que os seus admiradores o eram simultaneamente de sua arte como seguidora de Talma e da maneira como praticava essa outra arte-de-amar, de que Ovidio foi um mestre primitivo e Messalina á incansavel divulgadora.

Sucedera que um titular rico tinha deixado á Rosa uma renda vitalicia, administrada pelo notario patrão de Olindo, facto que este, porém, de todo ignorava.

Vão vendo como as tece o Acaso.

Olindo, que a miude ia ao teatro, ardia em labaredas vastas de desejo ao vêr a encantadora Rosa declamando essas longas tiradas amorosas que tanto distinguiram esse tempo romantico.

Mas todo o seu ardor abalroava de encontro á impossibilidade em que seus magros haveres o collocavam de transpôr os humbraes custosos do tálamo tão ambicionado de Rosa. E contentava-se, que outro remedio não tinha, com vê-la á saída do teatro, seguindo-lhe a caleche até ao poiso doirado do seu idolo.

O sr. Rogerio (era Rogerio que se chamava o notario patrão de Olindo), um dia, não tendo recebido em sua casa, como de costume, a visita da velha criada de Rosa, que mensal-

mente vinha pela renda, lembrou-se de lh'a mandar a casa — não fôsse por doença a tardança estranha.

— Quem vai a casa da D. Rosa?... Quem não vai?... E, zás!

— O' Olindo, você sabe onde mora a D. Rosa Mate, essa actriz muito conhecida?

Olindo trepidou em seus alicerces. A médo, respondeu, córando:

— Sei, sim, senhor.

— Pois vá levar-lhe esta carta. Olhe que ali dentro vão trezentos mil réis. Mas, se a senhora estiver recolhida, não lhe peça recibo. Ela cá o mandará depois.

Olindo, sem fala, apenas abanou a cabeça em ar de assentimento. Pegou no envelope, guardou-o na algibeira com cuidado e saiu açodado como um perdigueiro em rasto de caça. Anunciado, foi pouco depois introduzido numa pequena sala toda cheia de tapetes caros e divans orientais, onde a luz coada por vitrais de côres discretas dava um tom veludineo ao ambiente pesado de perfumes deliciosos.

Olindo lembrou-se da missão que ali o levava e compôs o desalinho do seu todo tão agitado pela surpresa de ali se encontrar. A severidade da sua qualidade de praticante de notario impunha-lhe rigoroso comedimento...

Mas, apenas viu surgir a beldade, perdeu toda a linha e, lançando-se-lhe aos pés, confessou-lhe com ardentes juras o seu amor rugente.

Rosa, ainda nova, não resistiu por muito tempo á juventude contagiosa de Olindo. Este entregou-lhe o sobrescrito e, sem uma unica palavra explicativa, estreitou-a em seus braços...

Tempos depois, Rogerio, que não recebera o recibo da renda de Rosa, a qual tão pontual sempre fôra em suas contas, resolveu-se a ir procurá-la em casa. E, embora nem por sombras quizesse suspeitar de Olindo, convidou-o a acompanhá-lo.

Olindo esperava no salão da entrada, quando ouviu a voz de Rosa sustentar com veemencia que jamais recebera a renda do mês corrente.

Então, a sua inconcussa honestidade revoltou-se e, transpondo de repente a porta que os separava, interpelou Rosa:

— Então eu não lhe entreguei um sobrescrito com trezentos mil réis, senhora?

Rosa, ao vê-lo, surpresa, não respondeu logo. Depois, numa forte gargalhada em que os seus dentes apareciam como perolas de magicos orientes:

— Ah! minha pobre cabeça! E' verdade, sr. Rogerio, este rapaz entregou-me trezentos mil réis. Vou passar-lhe o recibo.

E, á despedida, curvando-se ao ouvido de Olindo, que ficara para traz:

— Grande patife! A'manhã podes voltar mesmo sem sobrescrito...

Cirano de Velhoiras.



— Então que dizes tu ao projecto das casas baratas?
— Qual casas baratas! Casas com baratas...

Com ou sem percevejos

Mr. Martin, farto do seu buliçoso Paris, pensou um dia em partir para qualquer país da Europa, onde com facilidade lhe fosse possível grangear os meios necessarios para se manter.

Lembrando-se do nosso Portugal, que ele bem conhecia, lembrou-se tambem que, ensinando o seu francês, poderia obter o suficiente para viver, e se melhor de tal se lembrou, melhor pôs em pratica as suas ideias.

Um belo dia partiu e chegou que foi a esta, tomou provisoriamente um pequeno quarto do hotel X e, pedindo um pedaço de papel, redigiu o seguinte anuncio, que fez publicar no *Diario de Noticias* de 19 do corrente:

ESTRANGEIRO procura em sitio central, até 2.º andar, de dormir e saleta, sem percevejos, onde possa leccionar alguns estudantes. Preço ao n.º 453 deste jornal.

No dia seguinte e immediatos, o sr. Martin foi pelas respostas, sem que as mesmas apparecessem e, chegado que foi ao hotel, disse para o sr. Freitas, que representava o papel de gerente no referido hotel:

— Mr. Freitas, parece que não ha quartos sem percevejos!...

Então, o sr. Freitas, não percebendo bem a aflicção do sr. Martin, disse:

— Se V. Insolencia quer, pode levar de cá alguns...

Não sabemos, á data presente, o que o sr. Martin resolveu; no entanto, podemos lembrar que, em face de necessitar um quarto e saleta para leccionar estudantes, melhor seria que procurasse o quarto com percevejos, os quais decerto lhe serviriam para estudo dos seus alunos.



— Seu marido será um pouco rude, mas tem um excelente coração.

— Sim, um coração que bate com muita força.



— Podia dizer-me onde mora o homem mais velho desta aldeia?
— E' impossível. O mais velho morreu ha dois dias.



O que se diz e o que se não deve dizer

A GORADA REVOLTA DOS ARBITROS DE "FOOT-BALL"

A tentativa revolucionaria dos arbitros de *foot-ball* — terceira da serie — foi mais uma vez abafada, graças ao talento diplomatico de Placido de Sousa.

A historia do gorado movimento foi a repetição das anteriores.

Um grupo de juizes pretende ganhar dinheiro num meio em que toda a gente se governa. A pretenção é evidentemente racional. Pois se os jogadores o não são apenas pelas lindas cores dos clubs... Pois se os directores passeiam, recebem vestimentas e dinheiro para deixar á familia... Porque ha de ser gratuita a unica missão perigosa do *foot-ball* — aquela em que os passeios, os fatos e as notas são substituidas por pedras, cacêtes e pontos naturais?

Quando todos os juizes de campo estão de acôrdo na exigencia dum *quantum* por desafio, e o boato da greve surge e alastra — surge tambem o inevitavel presidente da A. F. L.

Não se sabe quais os argumentos que o simpatico e habil directivo emprega. Mas o certo é que são argumentos muito solidos porquanto os dois ou três *leaders* do movimento que ele chama ao seu gabinete saem de lá pensando quasi ao contrario.

E acaba o movimento...

Desta vez parece que houve um ar-

bitro que se sentiu comido — o senhor Silvestre Rosmaninho...

Fala-se até numa carta que este teria escrito e que deixava varias pessoas a pão e laranjas...

Para se publicar nesta indiscreta secção de *O que se diz e o que se não deve dizer* — o *Sempre Fixe* oferece

um premio a quem obtiver uma copia de tão sensacional epistola. E promete publicá-la em normando com mólho de *mayonnaise*...

Um outro arbitro descontente dizia: — «O Placido defende-se como um

ACABOU-SE O DEFESO...



—Toca a postos... Basta de dormir.

leão... Um dia cal... Mas, ao menos, pode gabar-se de que cai na Travessa da Gloria...

A mulher portuguesa está-se afirmando uma grande amadora do desporto automobilista.

Em um homem possuindo uns tantos *H. P.*, consegue logo delas uma amizade infinita.

E' a conhecida auto-sugestão...

Antonio Pinho volta á actividade footballistica, alinhando pelo *Bemfica*.

Mas, como o antigo *casapiano* é empregado na Casa Pia de Lisboa, ninguém imagina o que os *gansos* o tem feito sofrer...

Ou o Bemfica lhe arranja outro *asilo*... ou o Pinho endoidece...

O novo modelo *Ford* não consegue fazer esquecer o antigo *Ford-T*.

Enquanto do antigo existiam dez carros para cada comprador — dos modernos ha um automovel para cada cem pretendentes.

E o antigo tinha ainda outra vantagem inigualavel. E' que ia uma pessoa com o seu carro para a provincia e, succedesse o que succedesse, havia sempre em qualquer taberna um alguidar com bacalhau e outro alguidar com lasquinhas de *Ford*...

Rebola-A-Bola.



— Tem... tem... tem... pó... pó... pó... ses pa... pa... ra as bl... bl... bl... chas?
— Aqui não... não... não é far... far... far... macia.

— Vá... vá... fazer pouco de sua mãe, seu es... es... es... tupido.
— Vó... vó... vó... cé é um grande mal... mal... mal... criado.

— E... e... e... vó... vó... vó... cé é um pa... pa... pa... tife.
— So... so... so... so...
— So... so... so... corro!

ECO DA SEMANA

ABERTURA DAS CAÇAS TERRESTRES E MARITIMAS

COMO ÉSTE ATIRA DÓR HA-OS AS CEM...TENAS E COM...ANTENAS

A CAÇA AO MEXILHÃO E A OUTROS MARISCOS EM AO.



AS PEDRAS MISTERIOSAS NO LOUREIRO
 UM DOS DECTETIVES PENSOU QUE AS MELHORES INVESTIGAÇÕES SERIAM AS FEITAS PELO ANALISTA DE PEDRAS, CHARLES 'LÉS... PIERRES'...

O PROBLEMA ANUAL FÁBETICO



ENTÃO PODE-SE CONCEBER QUE DE 4 ALMAS SO 1 SAIBA LER O FIXE? VENHAM ESCOLAS, MUITAS ESCOLAS.

A CAÇA AO MENDIGO

- EU, APESAR DE TUDO, BEM-DIGO A MINHA SOPINHA.

- AHI VOCE É UM BEMDIGO? ENTÃO ACOMPANHE-ME, JA A ESQUADRA...
 (o policia era da Beira)



PERNAS SÃO CANELAS



1º DE SETEMBRO
1º DE INVERNO

ESTAO EM CIRCULAÇÃO NOVAS NOTAS DE 50 ESCUDOS

AO QUE PARECE LEVA O MESMO CAMINHO DAS OUTRAS



ISTO É QUE MASSARÓCA

A FINAL AS NOTAS NÃO SÃO DE 50 ESCUDOS, SÓ RE PAREM... SÃO ÀS VEZES 50 ESCUDOS...

A CORRIDA BICIESQUELETICA PORTO-LX
 ALGUNS CORREDORES QUANDO CHEGARAM A META VINHAM JÁ CADAVERES. ORA PORQUE É QUE NÃO FIZERAM A CORRIDA SO COM O JOÃO FRANCISCO... PRÓ ANO JÁ SABEM.....

